

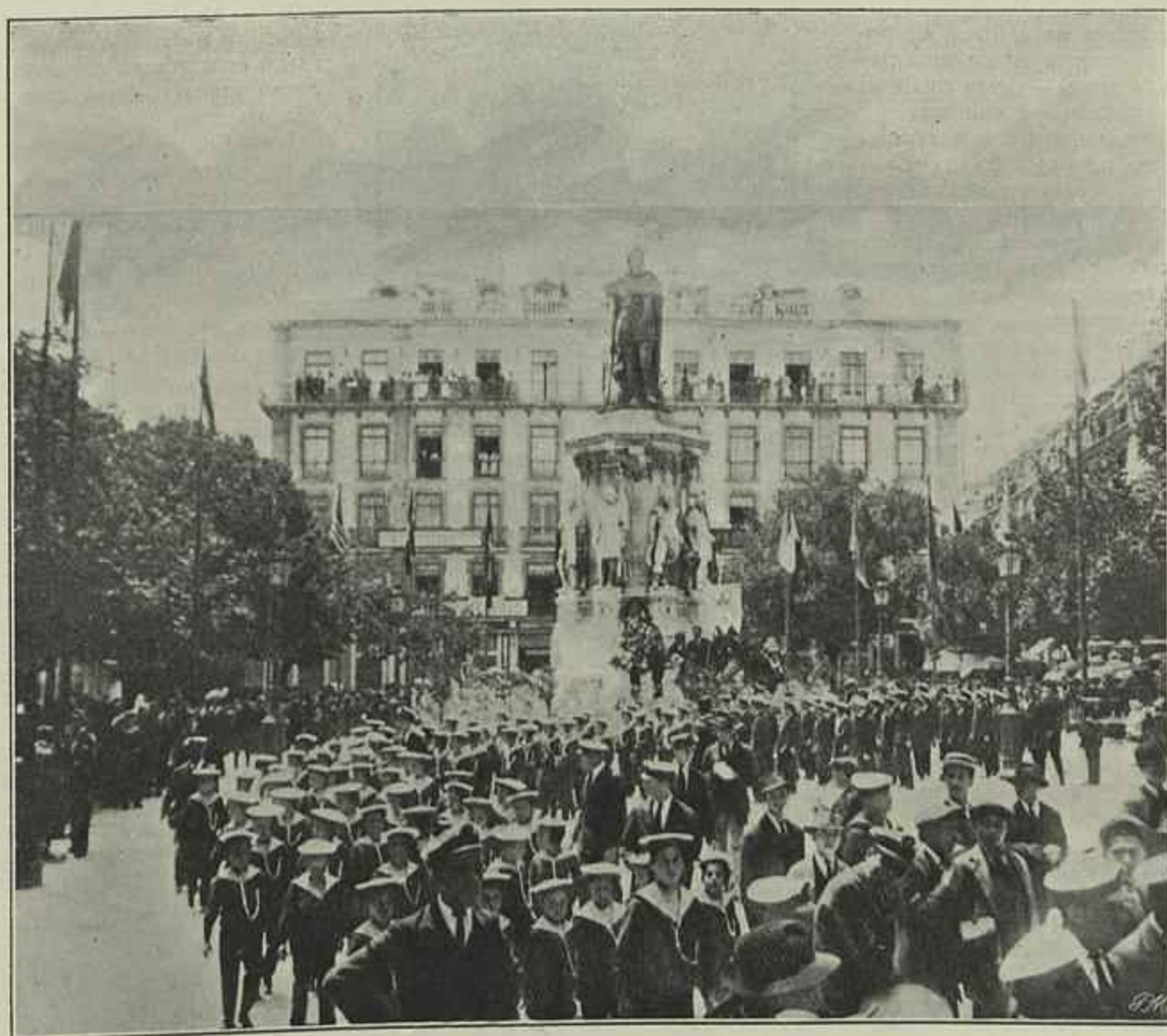
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1241	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 de Junho de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

As Festas da Cidade de Lisboa



O CORTEJO CAMONEANO — Os ALUNOS DAS ESCOLAS PRIMARIAS DESFILANDO EM VOLTA DO MONUMENTO A CAMÕES

CRONICA OCCIDENTAL

Abriu o salão dos Humoristas Portuguezes.

A revelação de Arte não podia ser mais bela, nem mais completa. Quam distantes vamos da tenda de campanha de Mestre Bordalo... E a alma que ainda ha pouco se refestelava na visão de fogos-de-artificio que o seu lapis fulgurante rastilhava, sente a hypnose de

seduções mais fortes, e tomada da vertigem irresistivel do êxtase paira, ao alto, numa transfiguração de beleza e sonho.

A caricatura transfigura-se em fantasia. Sileno divinizou-se e tomou a fôrma de Dionysos. Os traços caricaturais que eram hontem prosa chalra e galhofeira, são hoje desenhos melodicos, surdinas de arcos, palhêtas evocando as harmonias da distancia. O desenho esmaia em tonalidades musicas. Os ecos já não acordam ao apêlo da gargalhada. O sorriso comove o silencio da natureza. O

fauno tornou-se mystico. E se ama Phiné — prostra-se de joelhos.

Tal meditavamos nós divagando alheiadamente num passo soinnambulo pelo salão dos Humoristas.

E a multidão amorfa, enorme, tornava-se monstruosa, invadia, avassalava e tinha de onde a onde frouxos de risos que punham explosões dolorosas na nossa nervosidade doente de hiperesthesico. Acabamos por não vêr, nem sentir a multidão. Descaimos molemente sobre uma poltrona.

E as figurinhas gentis, galantemente ironicas, de chiste fino no extremo alacre dos labios, de maligna espirituosidade no olhar, unguidas de graça, embuidas de musica sensualissima nos movimentos, vinham até nós a cingir-nos numa sedução irresistivel. Os Artistas foram por momentos deuses. Das interioridades remotissimas do Sêr, souberam arrancar a substancia com que amassaram em fluido e modelaram em vida essas figurinhas eternamente graciosas. O elemento feminino fecundou generosamente a imaginação dos jovens artistas. E' ainda e sempre a mulher a inspiradôra imperiosissima da Arte. Nos quadros em que ela não aparece — a inspiração manca, a sua ausencia é como ausencia longinqua da luz, faz bocejar e adormece...

A intervenção da mulher nos dominios da caricatura operou essa transfiguração de maravilha.

Dantes, a caricatura visava diretamente o grosso publico alvar por motivos e intuitos. Vinha empastada daquela escorrença babosa que a gargalhada do populacho destila sempre. Abria uma galeria longa de carnaval — deste carnaval da Parvonia chalaceadôr e pelintra.

Fazia lembrar o garotinho *garroche*, de carinha suja, pé descalço e cuecas, que, surpreso da magia do seu carvão, ia desenhando pelas paredes, num divertimento que se não sente e se não cansa, os episodios comicos da rua. De momento a momento, arrepanhava na calçada um papel suspeito, borrava-o de *verve* e ia, pé ante pé, sobrepô-lo na corcunda dum transeunte e gritava num falsête de voz desnortheadôr:

«Rabo-leva! Rabo-leva!»

Hoje, quasi desconhecemos esse garoto. Tornou-se um rapaz de bom-tom. Lava-se, penteia-se. Sabe que tem talento e assume ás vezes atitudes de homem-de-genio. Lembra as estroinices baixas do passado e quasi côra de vergonha e tédio. E' um menino bem-creado. Cultiva o deboche e a neurastenia. Entra nas ante-camaras privadas e o halito suavissimo da mulher afinou-lhe a esthese e desvairou-lhe a imaginação numa fantasia perdida de poeta e musico. Paíra num infinito de ambição.

Andam a aliciar-nos de capricho e sonho, fixam-nos longamente o olhar, numa obsessão hypnotica, aquelas figurinhas evocativas e graciosissimas em barro e bronze, que Norberto Correia e Ernesto do Canto expuseram. Não são de barro e bronze ou gêsso — são de espuma levissima.

Não são de espuma levissima — são de fluido e harmonia. A nossa intelligencia amarra-as á vida real. Mas a nossa imaginação, que anda sempre em viagem pelas nebuloses longinquas e primitivas, descarna-as de materialidade, põe lhes auréolas sobrenaturais e presente-as só na musicalidade fluidica do ritmo.

A — *Despedida* — de Norberto Correia é um barro que sonambulisa. Fumega febre. Naquelas fisionomias ha sombra, tristeza, nostalgia, saudade, todo o ofêgo doloroso de quem vai partir para sempre.

A — *Vertigem* — é dança de sonho desvairante e delicioso: — os sentidos



O CHORADINHO — De José Luiz Junior

fundem-se na mancha dum sentimento de gôso que se não define. Os olhos da — *Sonhadôra* — boiam num sol-posto feérico de fantasia.

Saltos que não elevam — é uma estatueta de graça comovente; aquela bôca tem um riso que é esgar; os olhos refletem alegria que é magua oculta.

Ha dandismo fino na — *Vaidosa* — no — *Irresistivel* — no *Apontar*. — Não se pôde conceber interpretação mais realista e subtil, no barro, de certas paginas supremas de Eça de Queiroz, do que o — *Acacio* e *D. Felicidade de Noronha*.

Norberto Correia tem tambem trabalhos em quadro que o não desmerecem — *Dança da moda* — *Rejuvenescimento da raça*...

Ernesto do Canto é irmão gêmeo de Norberto Correia na arte da estatueta. E', no entanto, inconfundivel. Evidencia-se nele mais claramente um fim-moral. Quasi todas as suas estatuetas têm as suas *contre-parties*. Ha aquele magnifico gêsso — *Fatigada pela vida de prazer?* Logo, bem perto, se defronta com a — *Fatigada pela vida de sofrimento*.

Ha aquela atitude tão finamente observada — *Na sociedade?* Ao lado, imediatamente,

ergue-se a desoladôra — *Na intimidade...* Emfim, é maravilhoso de graça, de observação, de leveza e requinte, *bibelot* de encantamento, aquele barro flagrante — *Mãe feliz (armadilha)*...

Os trabalhos em quadro, expostos neste salão — caricaturas, fantasias, pastéis, sanguineas aguarelas, crayons — documentam, por vezes, incontestavelmente a afirmação dum altissimo talento.

Stuart de Carvalhaes que ainda ha poucos dias regressou de Paris, chegou a tempo de expôr três ou quatro produções de maravilha para delicia de amigos e admiradôres. Quadro impressionista, a traços vigorosos e sobrios, a linhas vincantes e precisas é o seu admiravel — *Tipos de Paris*. Christiano Cruz é sempre um grande artista, não desmanchando nunca a linha de superioridade que soube impôr-se. Original no desenho, não cae na banalidade cômoda e facil. Sabe arrancar um efeito imperecível dos seus minimos trabalhos.

Na — *Multiplicação dos pães* — soube localizar no tempo a sua arte e faz-nos assim evocar mais precisamente o misticismo ingenuo duma crença que já nos não pertence.

Na — *Bôa Estrêla* — dá pela tonalidade o ambiente vago dum sonho perdido e negligente e pelo traço originalissimo um fatalismo acéfalo e amorfo que descamba e inutilisa. Estranho e optimo o — *Enterrado na Neve*. Atitude de encanto o — *Romantismo*. Quanto misterio naquele admirabilissimo — *Um silencio!* O *Problema da miseria* resume a filosofia rasteirinha e acomodaticia e simbolisa a magstade tartufada e acaciesca dessa sociedade aonde os meninos-do-desporto vão caçar as meninas-ricas...

Hipólito Collomb apresenta as suas *Iromas*. Merito — não se lhe poderá negar. Sobretudo, o quadro — *Enlevo d'alma* — está impregnado de tão fina suavidade, e quela fronte purissima imerge num sonho tão doce e tão profundo que deliciosamente e comovidamente encanta.

Se não tivesse exposto, senão aquele trabalho, a nossa admiração seria inalteradamente grande e grata...

Almada Negreiros é um mancebo que tem na Arte o fim e o futuro da sua vida. Sem ela — não seria nada. Com ela — quem pôde adivinhar aonde elle chegará? A sua Musa é irrequieta, fogosa,



UM «FLIRT» — De Racha Vieira

imperiosa, amimalhada de caprichos e requintes. Possui a sciencia das amantes consumadas: sábias no gesto e expressão, são eternamente diferentes, sendo as mesmas, nas sucessivas e deliciosíssimas entrevistas que nos marcam.

Almada Negreiros distingue-se por um polimorfismo infatigável e desanuviante, por uma visão estética superior e o senso nitido do colorido. *Uma que passa — Compasso de espera — Judith — O desejo* — são trabalhos que honrariam quem quer que fosse.

Jorge Barradas impõe-se á consideração dos criticos mais rebeldes á sua compleição artistica. É um artista, um verdadeiro artista, na mais complexa e requintada acepção do termo!

Artista-dandy, artista elegante, as suas obras evocam o sorriso meigo, o sorriso sem tregeito. Esmaia tintas sobre o papel, delicadamente, como o musico passa o arco sobre as cordas em surdina do violino. O conceito é fino. O traço é cuidado — tem a voluptuosa serenidade duma ninfa que se remira nas aguas limpidas da corrente. As colecções — *Baixa, ás quatro horas — Elegancia — Bom-tom — Mulheres de vida... difícil* — revelam gosto subtil, emocionalidade sem discorde e equilibrio estético.

O temperamento de Adolfo Castañé é diferente e distingue-se nesta exposição precisamente pela sua attitude vigorosa e bizarra.

O seu quadro — *A valsa do Desejo* — é duma sensualidade forte, arrebatadôra, estonteante. A — *Saudade* — toca as raías do desalento e desespero mudo. O — *Cego* e a *Luç* — projeta efeito intenso e embargante. O relevo do quadro é dado, não por tonalidades, mas por linhas cruas e profundamente vincadas. Não se imagine, porém, que Adolpho Castañé não sabe despir um corpo lindo de mulher. A sua compleição, quasi barbara, sabe dulcificar-se, por vezes, até ao carinho mais terno e exaltar-se no misticismo mais puro.

O talento revelado por Saaveda Machado é do mais subido quilate. — *Sorriso de sonho — Cabeça de estudo* — impressionam suavissimamente.

Os trabalhos de Luiz Junior surpreenderam-nos por uma certa graça ingenua e saudavel de que soube tocalos. — *Aç de copas — Efeitos da lente* — não extravagam. A concepção e a forma são simplissimas e limpidas.

Forçam-nos a pôr ponto final nestas rapidas considerações. Todavia, não queremos finalizar sem relancear um novo olhar de admiração e gratidão pelos quadros excellentes de artistas, já tão conhecidos e louvados do nosso publico, como Leal da Camara, Alfredo Candido, Jorge Colaço, Alonso, Francisco Valença, Manuel Gustavo e Rocha Vieira.

O gesto dum desatinado manchou de sangue a cidade em festa. No dia em que se celebrava o centenario de Luiz de Camões, um anonimo que nunca o

lêra, permitiu-se agoirar-lhe a memoria, cometendo um atentado estúpido e injustificavel. As crianças entoavam hinos de saudação. O cortejo seguia no cumprimento duma homenagem e dum dever. Eis senão quando, rebenta um petardo causando mortes e feridos. O sangue derramado, por pouco que fosse, inevitavelmente, apagou o brilho das Festas e coalhou a seiva das flôres. A inquietação desvairava. A desconfiança media os passos dos transeuntes. Com-



O GRÃO-VIZIR MAHANUD CHEVKET PACHÁ ASSASSINADO EM CONSTANTINOPLA, NO DIA 11 DO CORRENTE

tudo, as Festas proseguiram derrota. Os cantos das tricanas, o estrondear de fogos-de-artificio, os murmurinhos das multidões que vibravam em aplauso, o rodar das segas que partiam para o combate das flôres — tudo parecia conjugar-se no esforço de amortecer o eco do fatidico petardo. Os brados de terrôr esmoreciam.

A cidade, fleugmatica e laboriosa, continúa incansavelmente na sua faina quotidiana.

O sol não estalou de dôr. Nem o sangue das victimas conseguiu desbotar a côr do nosso ceu.

ANTONIO COBEIRA.

PELO MUNDO FÓRA

As suffragistas inglézas — Morte de Sir John Lubbock — Ainda Joanna d'Arc — Um prodigio d'aviação — O monumento de Camões em Paris — Attentado contra o governo joven-turco

Dentre os casos de verdadeiro fanatismo que se apossam das suffragistas inglézas, cita-se a laucura de *miss Wilding Davison*, que nas corridas de *Epson* se atirou para deante do cavallo *Aumer*, pertencente ao rei. O animal, empinando-se, fez desequilibrar o *jockey* que o montava e que ficou bastante ferido. A tres-

loucada suffragista pagou com a vida a sua temeridade. *Miss Paukhurst* voltou para a cadeia, visto não ter cumprido a promessa que fizêra de não provocar nem incitar o movimento suffragista. De certo continuará a usar do expediente da *grève da fome*; mas a maioria da nação é que vac já revelando certa impaciencia contra semelhantes desmandos que, ninguem sabe quando findem.

A Inglaterra perdeu um dos seus homens mais eminentes, *Lord Avebury*, conhecido mais vulgarmente por *Sir John Lubbock*. Mais do que um politico illustre, foi um naturalista exímio, cujas obras correm mundo, traduzidas em todas as linguas cultas.

Muito discutida foi na França a attitude do sr. *Touny*, director da policia municipal de Paris, prohibindo que se depuzesse na estatua de Joanna d'Arc uma corôa com esta inscripção: — *Trahida pelo rei e queimada pela Egreja*. O caso foi tratado no Parlamento, que, depois d'um inquirito, resolveu annullar um despacho que passava o sr. *Touny* á disponibilidade.

A aviação franceza teve o seu Austerlitz no dia 10 do corrente. O heroe foi o aviador *Brindejone des Moulinais*, que, disposto a ganhar a *taça Pommery*, partiu de Paris ás 3 horas e 57 minutos da manhã, em direcção a Berlim, onde chegou ás 11 horas, para partir á 1 e 45 da tarde a caminho de Varsovia, onde chegou ás 5 e 15. Num dia atravessou, portanto, quasi metade da Europa, percorrendo 1:360 km. em 8 horas de vôo, numa marcha média de 170 km. á hora. *Brindejone* gastou quatro vezes menos tempo que o comboio mais rapido de Paris á Polonia, podendo distribuir aos polacos de Varsovia alguns numeros do *Matin* á mesma hora em que esse jornal chegava pelo caminho de ferro aos seus leitores de *Lyon*!

Le monde marche!

O progresso traz-nos grandes surpresas, animadoras umas, dolorosas outras... mas seja tudo em louvor do futuro e para esquecimento do passado. *Resurrexit, non est hic!* Estas palavras do Evangelho poderiam agora ser proferidas pelo nosso compatriota sr. *Xavier de Carvalho*, a cujo esforço se deveu a inauguração da *estatua de Camões* em Paris, no dia 13 de junho do anno passado, conforme circunstanciadamente foi descripto pelo director do OCCIDENTE, no numero de 30 do mesmo mês. Esse monumento, erigido na avenida *Delessert*, foi demolido exactamente na vespera do dia da consagração ao immortal cantor dos *Lusiadas*, e as flôres e as homenagens que os admiradores destinavam ao grande epico portuguez, foram consagradas á memoria de Victor Hugo. Esta demolição é-nos bastante dolorosa, mas a verdade é que ella resulta d'uma imprevidencia havida na inauguração d'esse monumento numa rua particular. Os proprietarios da avenida *Camões* queriam obter o *classement* d'essa rua, isto é, que ella fosse considerada via publica, constituindo para isso um syndicato. O conselho municipal, de que é principal in-

fluyente o dr. *d'Andigné*, oppoz-se ao *classement* com o fundamento de que a estatua não obedecia ás necessarias condições estheticas. A questão foi affecta aos tribunaes e parecia prolongar-se, motivo por que o sr. *Maroçeau*, que preside ao syndicato dos proprietarios, resolveu deitar a baixo o monumento, declarando que os proprietarios d'aquella avenida tinham dado auctorização para a erecção da estatua com a indicação expressa de que ella não viesse mais tarde a impedir o *classiment* da mesma avenida. E' este, pois, o caso presente, perante o qual temos de curvar-nos, servindo nos de conforto o protesto e os pedidos d'indemnisação do escultor *Luigi Betti*, que já foi informado de que o busto do poeta está guardado em casa do sr. *Bergest*, na rua *Montyon*. Apraz-nos registrar que a municipalidade de Paris, querendo manifestar as sympathias francêsas pelo nosso paiz, reservou um local na nova avenida *Camões* para a erecção da estatua do nosso glorioso epico, votando tambem a somma de 1:000 francos para as despesas com o monumento.

Aquelle celebre golpe d'Estado dos jovens turcos, de 23 de janeiro, que teve por epilogo a morte de *Nazim-Pachá* e a queda do governo de *Kiamil-Pachá*, devia fatalmente despertar propositos de vingança, mais ou menos occultos, que já por vezes se haviam denunciado, principalmente pela attitudo de numerosos elementos do exercito, cuja disciplina anda seriamente abalada por causa da politica, que corroe os mais fortes laços da ordem, exactamente onde ella mais deve imperar.

De ha muito que o governo joven turco sabia que se tramava contra a sua existencia. Esse *complot* conseguiu todavia o seu intento. O grão-vizir *Mahmud Chevket-Pachá*, acompanhado de dois ajudantes de campo, o capitão *Echrof* e o tenente *Ibrahim*, ao dirigirem-se para a *Sublime Porta*, em automovel, foram assaltados por quatro individuos, tambem em automovel, que mataram a tiro o grão-vizir e o tenente *Ibrahim*, sendo ferido um criado do grão-vizir.

O capitão *Echrof* fez a seguinte declaração: «Sahia-mos da praça *Bayaçid*, quando o nosso automovel foi obrigado a parar em virtude d'uns trabalhos que se estavam fazendo na via publica. Ouvimos uma explosão, mas não ligamos ao facto importancia alguma, julgando tratar-se d'um pneumatico que tivesse rebentado; mas de repente vimos que o marechal cahia para a frente. Tomei-o nos braços e vi que o seu rosto estava coberto de sangue. Como continuassem as detonações, apei-me para prender os assassinos, mas estes fugiram num automovel, á excepção de *Tompal-Tewfih* que não teve tempo de subir.»

Foi promulgado um decreto nomeando grão-vizir interino o ministro dos negocios estrangeiros *Said-Halim*.

Pelo que se vê, ainda não terminaram as surpresas que tão caracteristicamente assignalam o triste fim d'aquelle grande imperio.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

3.^a Conferencia do 2.^o tenente sr. Jayme do Inso

Uma viagem a Timor

Perante uma selecta assistencia onde se viam muitas senhoras, realisou o 2.^o tenente sr. Jayme do Inso, no dia 28 do mez passado, em sessão especial da Sociedade de Geographia, a sua conferencia sobre Timor que, como as anteriores, foi ouvida com o maior interesse.

Presidia á sessão o sr. Bramcamp Freire, presidente da Sociedade, secretariado pelos srs. Ernesto de Vasconcellos e Silva Telles.

Aberta a sessão, o presidente deu a palavra áquelle official, depois de expôr, com palavras de louvor para o conferente, o assumpto que se ia tratar.

Este, ao começar a sua conferencia, disse: Esta viagem a Timor vae talvez ser uma desilusão para todos os que tiveram a amabilidade de me acompanhar nas rapidas digressões que aqui encetei ao Oriente.

graphica da ilha de Timor, e finalmente uma resumida exposição da historia desta colonia. Delles extrahimos as seguintes passagens.

«A paragem em Sorabaya impunha-se porque Timor, uma terra quasi desligada do mundo, depende quasi exclusivamente das colonias hollandezas podendo dizer-se, guardadas as devidas proporções, que Timor está para Sorabaya como Macau para Hong-Kong.

Sorabaya é, além dum imperio do mundo na Oceania, uma base militar naval, e o principal centro de exportação da riquissima ilha de Java que é para os hollandezes qual outro Brazil foi para os portuguezes.



UMA RUA DE SORABAYA

E' que nas palestras precedentes, eu tinha a guiar-me o heroico brilho de acções passadas, a força da historia e das nossas tradições, tudo o que nos evoca a sombra do mysterio e do passado.

Tudo isso se encerra neste nome apenas: Macau. E se acho tão digno, tão bello, tão portuguez, este remoto cantinho de que já mal sôa a fama, não admira que as minhas forças de fracas se tornassem fortes para, ao fa lar de Macau, as palavras me sahirem mais animadas e sentidas, se é que algum colorido eu lhes pude dar. Não fui eu, era Macau quem fallava!

Mas agora que essa terra tão mimosa, que Camões, principe dos nossos poetas, alli recolheu a sua inspiração, agora que ella vae ser substituida por outra onde ainda viceja o que resta de mais selvagem e primitivo nesta pobre humanidade, o que ha a esperar que eu diga que não seja uma desilusão para quem espera distrahir-se com o interesse que sempre despertam as coisas do Oriente?

Mas mesmo assim não desisto da tarefa que me honra e me agrada: fallar das nossas colonias, fallar e defende-las, principalmente quando algumas, como estas de que venho tratando, teem sido tão calumniadas, e são além disso as mais desconhecidas.

Frizou ainda que foi Macau quem mandou as suas forças em soccorro de Timor onde os europeus se debatiam em angustiosas incertezas sobre vidas e haveres, num momento de crise para aquella colonia, motivado pela revolução na China.

Em seguida entrou no assumpto da conferencia na qual considerou tres pontos: uma pequena paragem em Sorabaya, principal porto das Indias Hollandezas, um rapido exame da situação geo-

A cidade tem um aspecto cosmopolita pois o commercio está não só nas mãos dos europeus como nas dos chinezes, indios e japonezes, o que dá um cunho exotico áquella movimentada terra onde se vêem ruas largas, bordadas de arvoredo, que se assemelham a estradas onde se vêem vendas meio escondidas.

Ha estabelecimentos de luxo, mas aquellas casinhas hollandezas abertas de par em par para uma especie de alpendres, ás vezes com pavimentos de marmore, deixando ver lá dentro um acio inextinguivel, foi o que mais gostei de ver naquella cidade de aspecto extranho que ás vezes dá a illusão de estar espalhada pelos campos fóra.

Java, cognominada o *Jardim do Oriente*, é uma, das regiões mais curiosas do globo. Tem a sua civilização antiga que lhe veiu da India e de que ainda conserva vestigios em monumentos que quasi rivalisam com as pyramides do Egypto.

E como restos das tradições lendarias dos seus principios orientaes, Java tem ainda algumas cortes onde os sultões, apesar de pobres em dominios, tentam manter o culto do antigo esplendor.

Dessa civilização longiqua, uma coisa houve que me prendeu a attenção: a musica duma orchestra javaneza — *gamelang* —.

A orchestra era extravagante; compunha-se de mais de 40 instrumentos de metal dispostos em marombas, além d'alguns exquisitos instrumentos de corda. E parecendo que dalli só sahiriam sons barbaros e irritantes, ouvia-a tocar com agrado; era uma musica maviosa, de notas desusadas, um tanto tristes e langorosas.

As dançarinas com os seus trajos caracteristicos, panos ricos envolvendo o tronco, deixando os peitos quasi nus, iam acompanhando o tanger dos instrumentos com requebros monotonos e dolentes. E durante muito tempo conservei nos



UMA DANCARINA JAVANESA

ouvidos aquella melopeia de curiosas harmonias filha duma arte estranha.

Mas é tempo de chegarmos a Timor.

Foi de manhã cedo que chegamos a uma pequena bahia na costa N. da ilha: era Dilly. Logo de entrada vi que Dilly era triste por ser, como quasi todas as nossas terras, de aspecto solitario, quasi abandonada.

Mas no meio daquella tristeza, uma coisa nos sorria: era a alegria da Natureza.

Uma praia orlada de enormes arvores, casinhas por entre verdura e ao fundo vastas montanhas, era tudo quanto se via. E como já noutro logar lhe chamei, Dilly pareceu-me uma serie de bellas herdades á beira de montanhas e banhadas pelo mar.

Tal é o aspecto da capital de Timor: uma feitoria delineada com vastidão. Casas terreas defendidas por cerrados, de architectura simples e na maioria cobertas de zinco, deitam para ruas amplas, na maioria cobertas com um tapete de relva onde corre uma vereda que serve de caminho.

A situação geographica da ilha de Timor é particularmente interessante porque marca por assim dizer a transição entre o continente australiano e o mundo asiatico ainda disperso pela Malasia, duas regiões completamente diferentes não só sob o ponto de vista geographico como ethnographico.

Esta transição manifesta-se ainda na propria ilha de Timor, nome de origem malaia e que nesta lingua se pronuncia *Timur*, como dizem os holandezes, e significa Oriente.

Timor tem de comprimento cerca de 500 kilometros por 100 de largura maxima, com uns 30:000 kilometros quadra-

dos de superficie.

Cerca de metade da ilha e o ilheu de Pulo Cambing ou Ataúro, como lhe chamam os natu-
raes, formam a nossa colonia cuja superficie anda por $\frac{1}{6}$ da superficie de Portugal.

A ilha, de origem volcanica, é acidentadissima, elevando-se o pico mais alto, o Ramelau, perto do qual se desenrolaram as scenas mais importantes da recente campanha de Timor, a 2:900 metros acima do nivel do mar. Naquelles



UM TIMORENSE

terrenos accidentadissimos encontram-se espalhados uns montes de rochas escarpadas que ás vezes apresentam um aspecto phantastico, semelhante ruinas.

(Continua.)

As Festas da Cidade de Lisboa

A cronica do n.º 1238 desta revista, referiu-se ao programa das festas de Lisboa, o qual foi executado com ligeiras alterações, de momento, endo-se realisado, contudo, os numeros mais importantes.

As gravuras que publicamos, reproduzem o que de mais interessante nossos colaboradores artisticos recolheram das festas, em magnificos instantaneos.

O cortejo camoneano promovido pela academia de Lisboa era o numero mais significativo das festas de Lisboa. Infelizmente foi perturbado no seu final, por um atentado inaudito, que alarmou e indignou toda a cidade e o país inteiro, com sua noticia indignará o mundo. Um ou mais loucos coniventes, a quem as justicas estão pedindo contas, lançou uma bomba explosiva, sobre o cortejo, quando este ia quasi a terminar a sua passagem ao fundo da rua do Carmo, resultando alguns mortos e muitos feridos, principalmente dos musicos da banda de Castelo de Vide, que viera tomar parte nas festas.

Este desgraçado incidente tirou o melhor brilho ao cortejo, composto, na maioria, de creanças das escolas primarias, em grande numero, como de estudantes das escolas secundarias e superiores, com seus corpos docentes de grande parte do país, que ali vieram incorporar-se.

O cortejo formou-se na Praça do Comercio e vindo á Praça do Municipio, ali saudou o Chefe do Estado, ministerio e comissão municipal, que da varanda dos Paços do Concelho assistiam á sua passagem. As aclamações ao Sr. Presidente da Republica foram calorosas durante o desfilar do cortejo que, seguindo pelas ruas do Comercio, Augusta e dando a volta ao Rocio, subiu as ruas

do Carmo e Garrett até entrar na Praça Luis de Camões, onde, passando em continencia ao monumento do epico portuguez, ali foi depositando flôres ao sopé do pedestal, que estava todo guarnecido de vasos com plantas.

Era a mocidade de um povo vibrando em almas juvenis, que rendia seu preito ao cantor das suas glorias e, cantando, vinha alegre depor-lhe aos pés montes de flôres desta terra paridisiaca, desta natureza bela.

Na Sociedade de Geografia foi inaugurada uma exposição camoneana com especies muito interessantes.

Os amadores do desporto nautico tiveram regatas no Tejo, que atrairam muita concorrência.

Ganhou a

Taça Lisboa e a Taça da Cidade a Associação Naval.

No Hipodromo de Belem houve, no primeiro dia, a festa militar a que presidiu o Chefe do

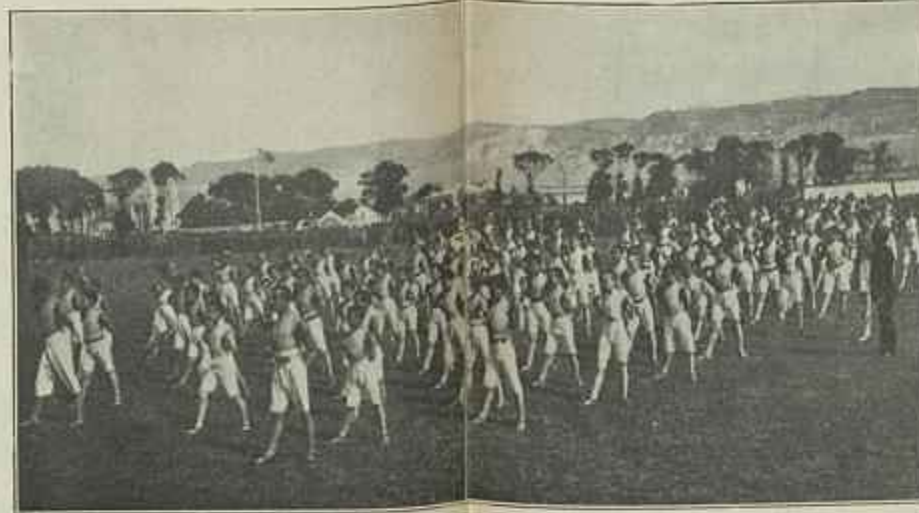


O CARRO ALEGORICO DA ACADEMIA, NO CORTEJO CAMONEANO

As Festas da Cidade de Lisboa



AS VENDEIRAS DE FLÓRES NA FESTA DAS FLÓRES



NO HIPODROMO DE BELEM — OS EXERCÍCIOS DE GINÁSTICA SUICA PELOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR



AS TRICANAS DE AVEIRO

Estado, presidente do governo, general da divisão, comandante da Guarda Republicana, etc. Figuraram contingentes dos corpos da guarnição, alunos do Colégio Militar e de outros particulares e exhibiram-se varios exercicios de gymnastica. Este espectáculo, por sua natureza, é dos que mais entusiasma a população que a ele affluu em quantidade.

Em S. Carlos realizou-se um sarau de gala em que o sr. dr. Teófilo Braga fez larga conferencia sobre Camões. Depois executou-se, por mais de 500 musicos e coristas, a *Sinfonia Camoneana* do sr. Ruy Coelho. Dirigio a grande orquestra Pedro Blanch, e Antonio Joyce ensaiou e dirigiu os côros. A composição do sr. Ruy Coelho, estranha, arrojada, não poude, por ventura, ser devidamente apreciada numa primeira audição, entretanto, o publico, no final, não lhe regateou aplausos.

Os concursos hipicos, de *foot-ball* e outros desportos, tambem interessaram o publico, como aplaudiu o rancho de tricanas de Aveiro, que vieram alegrar as festas com os seus cantares e danças, na Rotunda em a noite de 10.

O grande publico teve a Festa das Flôres na tarde do dia 12, na Avenida, embandeirada e afestuada de flôres de papel, na terra em que abundam as naturaes. . . Automoveis, cicletas e varios carros reclames acudiram á batalha, em que, afinal, não se atirou um cravo, não obstante a Sociedade Propaganda de Portugal, promotora desta festa, ter preparado um rancho de vende-

deiras de flôres, recrutado entre as mais bonitas ovarinas da respectiva colonia.

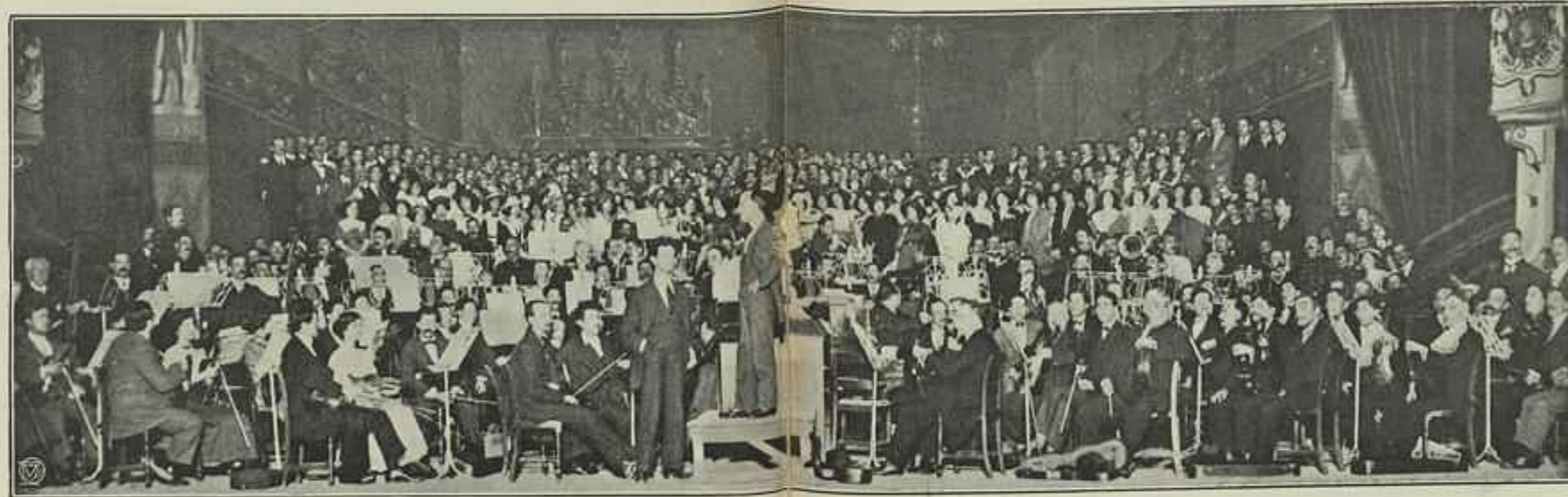
Os que não se divertiram com a festa das flôres, desforraram-se com as illuminações do Rocio, da Avenida e o fogo de vistas, que á noite se queimou nos terrenos do projectado parque Eduardo VII. Este sim, que é o divertimento do nosso povo, que se estasia com as lindas côres dos foguetes de lagrimas e chuva de ouro. . . que afinal é o unico que vê. . .

No certamen de janelas e montras enfeitadas algumas se apresentaram de bom gosto, sendo-lhe conferidos premios.

A tarde da Aviação chamou extraordinaria concorrencia ao Campo Grande, onde os aviadores francezes Sallés e Bessano e o inglés Manio subiram em seus arroplanos. Este numero do programa teve, porém, um final tragico, que aterrorizou os espectadores, pois viram cair de grande altura o aviador Manio, sem vida, feito em pedacos. Mais uma vitima sacrificada á aviação que, infelizmente as conta já por centenas.

As corridas de touros constituiram outro numero do programa e dos mais agradaveis para o nosso povo, que a ellas concorreu com o interesse que lhe desperta sempre este divertimento bem portuguez.

No teatro Nacional cantou-se em a noite de 14 a *Canção Portuguesa*, concurso de poetas e maestros que respectivamente escreveram poesias e compozeram musicas, tudo sobre motivos populares.



A GRANDE ORQUESTRA E COROS DIRIGIDA PELOS SRS. PEDRO BLANCH E ANTONIO JOYCE QUE EXECUTOU NO THEATRO DE S. CARLOS A «SINFONIA CAMONEANA» DO SR. RUY COELHO



NA FESTA DAS FLÓRES — AUTOMÓVEL ENFEITADO DO SR. JOSÉ MARIA MARQUES — AUTOMÓVEL DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMÓVEIS, FIGURANDO UM AEROPLANO DE FLÓRES — AUTOMÓVEL DO SR. ZENÓGLIO ENFEITADO A FLÓRES NATURAES
CONCURSO DE MONTRAS E JANELAS ORNAMENTADAS — MONTRAS E JANELAS DO SR. EDUARDO MARTINS A QUE FUI CONFERIDO O 1.º PREMIO



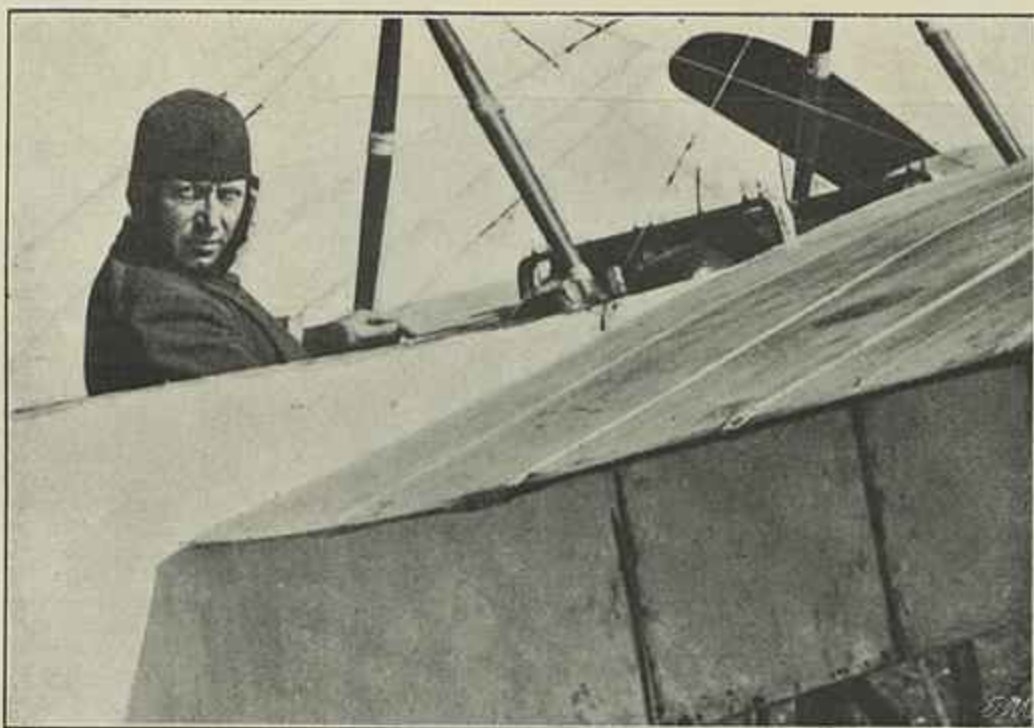
ASPETO DA RUA DO CARMO À ENTRADA, MOMENTOS ANTES DE TER SIDO LANÇADA A BOMBA EXPLOSIVA PARA O MEIO DO CORTEJO CAMONEANO



A BANDA DE CASTELO DE VIDE, DE QUE FICARAM FERIDOS PELA BOMBA EXPLOSIVA 10 MUSICOS DE QUE JÁ FALECERAM DOIS: — 1, Manoel do Rosario Raposo — 2, Manoel do Nascimento Chaves — 3, J. Vicente Carrunes — 4, Antonio das Dôres Gómito — 5, Joaquim Gassalho — 6, Antonio Simões — 7, Miguel dos Santos Soares, diretor da banda — 8, José Quintas — 9, Francisco Afonso Pinto — 10, Valdemiro Pinto, que já faleceu.

Destas composições algumas se ouviram de bastante merecimento, tanto na letra como na musica, dos autores srs. Armando Leça, Thomaz Borba, José Coelho da Cunha, Ribeiro de Carvalho, Lopes Vieira, Antonio Nobre, Augusto Machado, Ferreira Braga, Patrocínio Ribeiro, etc. No grupo de cantoras distinguiram-se bastante na interpretação e beleza do canto as sr.^{as} D. Adelaide Victoria Pereira, D. Lidia Cutileiro, D. Sarah de Sousa e os cantores srs. Guilherme Bizarro e Nunes Baptista. Não menos se distinguio o notavel violoncellista sr. João Passos na execução de algumas composições suas e do sr. Armando Leça.

A chave de ouro do sarau foi o cantar se uma poesia do sr. dr. Manuel de Arriaga, que despertou grandes aplausos, recebendo o Chefe do Es-



O AVIADOR ITALIANO MANIO PARTINDO NO AEREOPLANO QUE VEIU A CAÍR DA ALTURA DE 300 METROS, MORRENDO O AVIADOR

tado entusiasticas ovações.

As festas terminaram ao oitavo dia com as provas de ciclismo numa corrida do Porto a Lisboa, para a qual se inscreveram os primeiros corredores portugueses em competencia com um francês.

A' noite um fogo de vistas no Tejo completou o programa das festas. O fogo foi feito a capricho por pirotecnicos do norte, srs. Alberto Gomes da Costa, de Ponte da Barca, José de Castro e Manuel da Silva & Filhos, de Viana do Castelo.

Três horas no «Salon» da Rua Barata Salgueiro (Em Lisboa: pelos idos de maio do ano da Graça de 1913)

Um «Salon»! E é, bem positivamente, conquista de subido cartel. Demorou, sim, — mas *Laus Deo* que veio o dia, e surgiu da treva lazaresca, pachorrenha, o sonhado projecto crystalino de castelos no ar.

Ora, aquêlê albergue côr de neve, onde homens da Arte assentaram arraiaes com maravilhas de quilate, possui a graça por devêras sympathica de um pavilhão de noivado. Faltar-lhe-ia, talvez, sobrepondo se em frontão ligeiro á entrada magestática, um Eros *gavroche* e diabólicamente alegre, a dizer do alto em suas carnes tenras do Hymeto de Rubens: — «Vinde, vinde, ás salas de este Templo de Sonho, leves como um sorriso, perfumadas como a estrêla de alva.»

O ambiente é de gente nova, terra nova, na verdura veludínea e meiga das tília. A apoiada frondagem enfileira se rúa acima, levemente como volata de festa régia, e espráia sófrego a sombra olorosa e oriental.

A «Casa dos Artistas» tinha de ser ali, ou no Paraiso então, dois logares da Terra da Promissão. Certo não é um Parthenon, mas fulgura-lhe no âmbito alacre, decorre-lhe na alvura de Monte-Cénis, voluta-lhe ao de cima — o diadêma de sol e céu, enthesourado nas glórias do Capitólio.

E lá dentro o dia intrusa com chalra; bandos de raios de oiro bysantino, embalsamados myste-

riosamente, e de infantil traquinice, esgueiram-se pelas vidraçarias altas; lambem a curva cismica da *Saudade*, — «dôr que tem prazêres» — de Moreira Rato; ou gargalham na face iluminada e religiosa de um retrato de Columbano.

Tout nous vient de l'orgueil, même la patience.

O verso de Frank, em *La coupe et les lèvres*, de Musset, foi o *palladium* de todos esses homens que muito esperaram a eclosão feliz da realidade de um sonho. E ainda bem que a Victória lhes sorriu.

Esses prisioneiros do Bêlo, de alma encantada em torres de éter, peregrinam estrada lórea na *Via-Láctea* que os conduz ao longínquo País do Sublime.

A sua Arte é do mundo, apenas porque a move um par de mãos humanas. Nada mais. A essência é divina. E êles, que roubam o imperialíssimo segredo de Júpiter, são os Prometheus victoriosos, os imensamente admiráveis amigos da Vida. Teem a posse da Potencia eterna, — o *Fôgo*.

— «O *Fôgo*, órgão de todas as artes». O

Fôgo! esse brilhante thesouro. — Assim leio no *Prometheu Prêso*, de Eschylo.

A Arte contemporânea é a conquista da Luz. Quando o Homem sônha a aurora deliciosa da sua libertação, — que admira acalentarem-se os Artistas na radiação da Luz? «O Mal é a Luz decaída da sua essencia» dizia o maravilhoso Zoroastro. E o Sônho encantado é o Bem.

Os artistas de hoje são como os profetas de outras eras os paladinos da Verdade suprêma e soberana. Carrière, na plástica nimbada que mal surge dos bolidos luminosos. — Rodin, erigindo antes dos corpos a alma das figuras: são bem irmãos da confraria sancta de Francisco de Assis, o prégador delicado da Paz do Ceu e do Amor da Terra. E confrades tambem de esses venerandos Poetas dos *Testamentos*.

Vivem todos com o mestre de Beyreuth no mundo glorioso do nobre *Parsifal*.

Entre nós, Columbano, como um Apóstolo vindo a direito e calcurriante das paisagens lendarias de Bethlem e Cananea, representa a lucta épica do homem para a victória final sobre o *Fôgo*.

— *E este Fôgo tornou-se para os mortais o principio de todas as artes, da fonte de mil vantagens.* — Diz, ainda na mesma tragédia de Eschylo, o proprio Prometheu.



RETRATO DA EX.ª MINISTRA DA ARGENTINA
Quadro de José Malhoa

E' assim, imbuída em vestal ardôr, que a Arte de nossos tempos, nas suas vitalidades diferenciadas, se prende nas scintilações doidas de um *Hino à Luz*.

No drama, sóbrio e profundo, de Ibsen, — na dramaturgia fantástica e *turrisbúrnea* de Maeterlinck, — assim no Annunzio dos *Laudi*, de *Il Fuoco*, — e em Bracco, vibrante como a espada de S. Miguel: — caminha e tine o mesmo poder do *lyrismo da Luz*, enebriante e clara, aí, a par dos etéreos poemas de Strauss e Indy, da graça alada e vertiginosa de Grieg; — crystalizado tudo nas plásticas furtivas de esse côro tannhäuseresco de todos os peregrinos do Wartburg da Arte vintista.

Em uma sociedade de brutal inércia estética, paquidérmica em aspirações de espírito, e aferrando-se á almoéda no olvido de condições superiores, cresce grandemente o prestígio mystico de esses sonhadores da Beleza.

Entre a filáucia, delicada e hiératica, dos Primitivos — os da Pintura, de braço com os da Música, — fazendo orar os versículos da Graça e da Fé: — e a audácia typhéiforme dos Contemporâneos, que produz a vertigem: — a distancia é soberba. A plástica humana, unguida, além. Imaterialidade, mystério acariciador e serpentino, aqui.

Que, de todo, a Arte de hoje está mais próximo do Infinito. A alma do homem está mais perto do Homem. No frenesí raivoso da vêrde palma da Glória, o caminho segue, pelas *Vias-lácteas*, populado, e batido pelas ondas ricas de côr do empyreo de Guido Reni.

As aspirações de luar, a ambição da *Gaie Science* do *Cantico dos Canticos*, e da virtude de pôr alma no próprio monstro, são o perfume do nosso século. Um sacrário, enorme e doirado como o Templo de Salomão, impossível seria de conter as montanhas da myrra e incenso em châmas, em abysmos de fumo límpido, que valessem uma glorificação.

E, estrada fóra, com a bagagem de Bias, mais fulgurante que a de Crésus, Senhor de todas as Pérsias, eles, os Profetas lá vão, a demandar o Sol que lhes diga: «— Bebei, esta é a minha Luz.»

Subindo as escadas breves da «Casa dos Artistas», eu murmurava *ab imo* a XVI quadra da Poesia de Theophile Gauthier, em *O que dizem as andorinhas*:

Asas! quero asas! um par!
Como de Ruckert na canção,
Para com elas longe voar,
Ao sol de ouro, á verde estação!

Entrava com o pé direito no vestibulo cheio de plantas e alacridade. Nas salas, animadas da graça volátil de solenes festas senhorias, reboava ainda o acorde galante dos côros de Sarti, á hora da inauguração.

O interesse capital da Galeria fa-lo a victoria dos rapazes. Evidencia-se trabalho em forja arrogante. Ha esforço de audácia. Corre o bafo matutino de sãs virtudes, banhadas em estrófico descante, evocando aquélla imagem da «Liberdade de olhos azues» do fiorde noruego de (Bjoernson. Cheia da seiva de uma esperança vicejante, essa mocidade lucha. E' a liça do gladiador de Roma, todo na vaga do entusiasmo e da força e da firme vontade de vencer, sob os olhos cytéricos das Vénus de Milo.

No *hall* do centro, refendido de luz coalhada, os mármoreos dispõem-se, lácteos, como poetas laureados, em jogos florae. Aí principia o *Hino* que á saída subirá na alma, a cantar louvores á Juventude. Rodeiam as estátuas —, em côr minhôta, salvas de verdura fresca.

Maximiano Alves cria em pedra e molda em barro almas que vibram. A *Mocidade*, busto encantado no sonho de um conto de Grimm, define um temperamento e chancêla a idade de nós todos, rapazes que sabem rir. Diz uma cantiga salamanquina: — *Corazon que no se alegra — no viene de buena sangre.* — Aquêlle barro tem coração, tem alegria e tem bom sangue.

Os moços que all em aquella «Casa dos Artistas» espelham pela sua obra a prodigalidade da sua emoção, e gósam da victória, poderiam justamente guardar como trofeu e timbre esse busto da *Mocidade*.

Adeante a *Nostalgia*, viva como a Paixão humana, prestigiosa e sancta como a alma da Mulher. . . E ao Artista bastavam estes dois diamantes.

Entre «*muitas seguras para cá e muitas para acolá*» — como se referia Francisco de Hollanda á pintura flamenga — ergue-se a tragédia imensa e dolente do *Náufrago*, de Simões d'Almeida (Sobrinho). — Um beijo de amante, desejo morto, em o namorado que não vive. — Para, a dois passos, embatido no arranque de salvação, ver *Ao leme* o pescador homérico de Francisco dos Santos: valente como o leão, heróico e trágico tanto como um Deus da Grécia. E a *Saudade*, meiga, doce lyrio branco, de alma vadía e perfume casto, — de Moreira Rato. . .

«*Dôr que que tem prazêres*» —

GARRET.

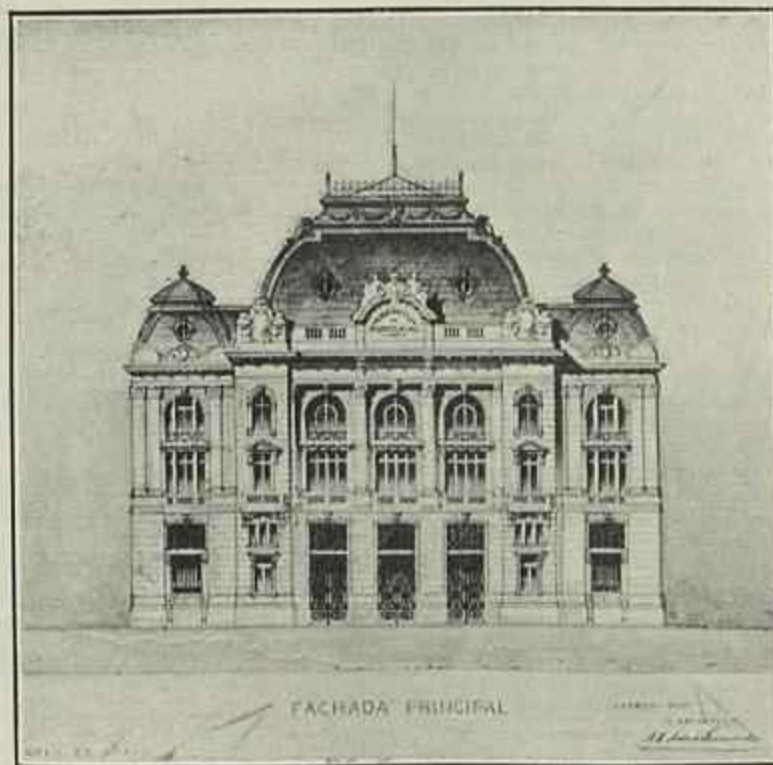
«*Onde magoas levam alma,
Vão tambem corpo levar.*»

BERNARDIM RIBEIRO.

Sobresaindo, a arrostar o peso inteiro de todo aquêlle parnasso de crystaes humanizados e floridos, guinda-se altaneira e potente a *Cariátide*, de José Netto.

Pelas paredes, digressionando, alinham se garridas as paisagens de mar, e as pinturas a água. Brilha já o encanto de Portugal, — o *Sol*, Roque Gameiro, da escola severa e forte de Silva Porto, — e um rapaz acariciador dos cantos de Ossian, Alves de Sá, fazem uma tradição de aquarelistas. Este, ébrio de côr e de luminações, tem a vara mágica de moyséicos mananciaes.

Para a direita, ou para a esquerda! . . Vacila o passo. Os *Raios de Sol ardente*, de Carlos Reis, á direita. . . Mas, tudo aquillo arde! O céu queima, a luz fogueira. E os dois campônios, em um duêlo de sorrisos, sopram no ar caldeante o amor de alecrim. Mestre Reis merecia viver ao fundo no panorama verde, nas casas que espreitam. A sua figura furtiva de Van-Dyck estava



PROJETO DE ADAPTAÇÃO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DO BANCO DE PORTUGAL,
EM LISBOA (ALÇADO SOBRE A RUA DO OURO)

De A. R. Adães Bermudes

ali em competente mansão. Copas umbrosas, relevo pintoresco, luz, vida agreste, harmonia crômica, e aquélas casinhas a espreitarem... ! Que bem se morava, ali!

O tryptico do *Marinheiro* de Constantino Fernandes, á esquerda. Soberbo! Pintar assim é, como a visão dos infinitos peões da *Ala dos Namorados*, vêr, palpando e cantando, o sonho da Vida. Na galeria dos pintores da Hollanda, apenas, funde-se na estratificação das prespectivas a trágica intimidade pessoal das fisionomias. E Constantino fez assim. Ao lado, vaporoso como um Watteau, delicado como um Raeburn, com aquela graça galante e bôa da *Bohêma* de Franz Hals, — um retrato de mulher.

Em frente, a representação de Columbano, o extraordinário, alicia os olhos para um êstase largo e longinquo.

O «Catálogo» — que se prestigia no sêlo chancelado de Soares dos Reis, com o *Artista na Infancia*, a sorrir deliciosamente, — diz de Frey Columbano, muito em esquêma e de tocante sombra: «Discipulo de seu pae e da *Escola de Bellas Artes de Lisboa*.» Devia ter-se escrito *Seu Pae* com maiúsculas, como Deus se escreve com letra grande, e Pátria com inicial enorme.

E na lista seguem os cinco trabalhos. Três retratos, e dois aspêtos de frutas, aquélas sumentas e vitalizantes frutas que Hebé serve á mêsã dos Grandes Deuses do Olympio.

Recolhido o pasmo, a análise cae lentamente, quase a mêdo, no temor do cometimento de flagrante heresia. No livro de Ramalho Ortigão aprendi a amar a Hollanda em todo o seu polyptico de vida e de Arte. Em Columbano consegui descobrir a melodia lohengrênica da luz, pequena como uma Elsa perdida no vago, loura como o Sol. E' por isso que ante um quadro do Homem, sinto a chocante emoção do crente ao assistir á Elevação em Altar das Almas. Olhar a realidade da obra de Columbano, synfoniza a mais grandiosa fantasia de Bach em intimo carrilhão crystalino. E', dentro, o vôo de Icaro para o fim do Infinito, — e é, fóra, o sorriso ingênuo e bendito, irmão do que brinca pelos lábios da *Gyocunda*.

A produção de Columbano, reunida em conjuncto de força, produziria aquélla impressiva tortura das cathedraes góticas. Esmagaria, na intensidade resfriante da música de Palestrina, ou Scarlatti, ou Pergolèse, vulcanizando os antros e recessos de essas arquiteturas dos Freys Pintores do período cristão. Columbano é com êles irmão de leite.

Mas, lá ao fundo, estão as marinhas de João Vaz, e vá de lavar a alma, para passar além. Longes de paz veneziana. Corot que pintava ao calor em uma planície sem água, colocou-lhe ao meio um lago manso, e sustentou a torreira. Vámos.

A *Madrugada forçada*, de José de Brito, com o Padre, o Sr. Cura, preguiçoso e atrevido na paisagem da lareira, e da moça...

Um retrato de Alves Cardoso com longinquo laivos de júbilo em um sorriso amavel. Um rapaz este Senhor, que pinta com elegia um «*Dia Triste*» da minha provincia de Tras-os-Montes, os *Freixos do Outono*, e com enleio juvenil os retratos, uns tantos, e a *Anna Moça*.

Na mesma sala, a mais encantada, fulgura inda o *Sésame, ouvre toi!* de outro rapaz, Simão da Veiga. Saudoso como um Português, e trágico, — suavemente — como um nórdico, insinúa a graça dorida de *Um modelo de Paris* e a cabeça de sympática desventura, impressionante de véras, da *Flôr do Pântano*.

Outra sala, onde se entra acotovelando o guarda. Ai, sobretudo, em um orfeon afinado, reina abundante e soberano o *Dia Feliz* da mocidade que estreia e sonha. Pela parêde, arredondada como enorme êxedra, pulsam telas de esplendor. A *Beatriz*, de Viãna o *Pomo de Ouro*, do mesmo, são revelações. Sente-se em êlas o prelúdio *zuloaguesco* de um futuro cheio de constelações zodiacaes.

A sua Marcha Nupcial, no entanto, canta a o *Esperando*, ibseniano grupo familiar de duas criaturas que sofrem horrivelmente, — Mãe, e filha com uma criança nos braços. Rodin esforçou-se por identificar a dramática e a arte plástica. Este quadro é uma tragédia que se suspende.

Depois outro moço de promessas, Dórdio Gomes, a estender uma *Manhã de Inverno*, sombria e violeta.

Ainda outro, bem promitente por igual, Bonvalot, que faz pintura e ri, quer de enternecimento como no *Dia Triste*, na *Desfolhada*, quer de entusiasmo na *Edade de Ouro*, ou nos *Artistas em miniatura*, onde povôa o bando gárrulo dos rapazes da sua idade.

Deambulando, pela frente de todas estas e

mais jóias de primeira água, assim as *impressões* coloridas de Bentes, escólham-se á vista primores de delicias.

D. Emília dos Santos Braga, de um espírito doce e acariciador, apresenta o episódio lyrico das *Caricias*. E' a mãe que brinca, embriagada de ternura, sobre os labios do filho. Lembra a frase de A. Tournirr: — «quereis conhecer uma mulher? ponde-lhe um filho nos braços».

Depois, e muito depois, a paisagem de Portugal: o Algarve doirado, das amendoeiras em flores, e oliveiras bíblicas, em vergel; Gouveia, coberto de sol; Cintra bêla; as margens do *Zêzere*, sob um folgo dos longes do Jordão; serranias boleadas do Douro; margens paradisíacas do Minho, e águas de Setubal; passam no «Catálogo» os nomes de — Trigo, Abel Manta, D. Fanny Munró, Antonio Saúde, Afonso Viãna, Calderon, Frederico Ayres, João Vaz...

Em natureza panorâmica e grata, ocupa um lanço de parede rica a bôa colecção de Henrique Pinto. Herdeiro directo de Thomás da Anunciação, morreu e levou consigo o timbre da sua delicadeza comovida. São dezoito quadros. Dezoito gôtas de luz, que faz bem contá-las.

No relance da saída, após haver poisado a vista na *Cigãna* de D. Philomêna Freitas, ressoa nos intimos uma endecha amavel, — de nôvo o *Hyno da Mocidade*. Um *Scherço* galante. E a *Cigãna* garrida descansa a alma na banza, no intermezzo de duas canções egypcias, errantes, e vagas.

A sanguineo, dois retratos de superfina beleza, que Alves Cardoso estetiza, talvês a demonstrar um acto de força e desenho. Esse desenho que Maissonier classificou de «dignidade da pintura». A par, e cheias de graça, as *Cabeças de Criança*, de Martinho da Fonseca, fazem bem.

E, ao descer as escadas breves da «Casa dos Artistas», fica lá dentro qualquer coisa de mui saudoso e querido. Uma noiva que me ficou ali, olhando-me ao longe, na ansia dolorissima do exilado, com uns olhos desfeitos em luz.

Então, o *Hyno da Glória*, o *Hyno da Beleza*, e da *Mocidade*, subvertem-se na Saudade. E' o último andamento da *Synfonia* solene, com cânticos wagnerianos, e sinos do Kremlin. Tem a magestade épica do *racconto* do Lohengrin, e o delirio celeste do *Kyrie* de Mozart.

O Sol acorda os sentidos. E olhando, a última vez, a casa branca, da alvura do Monte Cénis, o Eros, sobre a entrada grave e magestática, sorria a despedida: «Adeus, adeus; sonhaste? lembra agora; adeus, sê feliz e ri.»

As tília subiam melancolicamente rua acima, cansadas do calôr, banhando no Sol os reflexos argentinos das folhas, largas como borboletas.

A décima Exposição da *Sociedade Nacional de Bellas Artes* valeu bem a Casa de Noivado que souberam inaugurar-lhe.

Vá, Mocidade — sonha, vive e canta. Sê feliz! Sê livre! E passa, cantando, e rindo.

Lisboa, 1913.

LUÍS CHAVES.



ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

II

NOCTURNO A DUAS VOZES

(Continuado do numero antecedente)

— Estas senhoras e eu, disse uma menina, estamos impacientes. Prometteram uma hora de boa musica e estamos em atrazo.

— A hora militar, general, disse uma outra.

— Em marcha, minhas senhoras. Perdão, tome o meu braço e abramos caminho.

Anna Le Cozan ficou atraz com Fombreuse.

Ella estava elegantemente vestida, de côres claras que se ligavam optimamente ao dourado do cabello. Logo que entrou na sala a sr.^a Carbranches disse-lhe: «Como vem elegante e attrahente, a pura beleza!» Ella côrou ao ouvir estas palavras.

— Que musica trouxe? *Atravez do Oceano* primeiro, e depois peças novas? Não muito difficeis, a ler á primeira vista, não é verdade?!

— Que receio para uma artista como vós! Musica nova, nenhuma. Posso acompanhar-la em Schumann.

— Será uma desillusão, pois esperam sómente obras suas.

— Trouxe uma peça para piano; até desejo saber a sua opinião.

Ella ajudou o artista a pôr em ordem os cadernos e sentia-se feliz em estar só junta ao compositor.

*

No vasto salão, a voz de Anna fazia um bello effeito. A artista dedicou-se com toda a sua alma á obra *Atravez do Oceano*, que produziu um bello effeito.

Do piano Fombreuse não desviava os olhos da menina Carbranches. Assentada em uma grande cadeira de braços, tinha o aspecto d'um certo recolhimento moral. Procurava a sensação interior que lhe causava a musica, a sua respiração mais activa, os movimentos dos seus dedos que ageitavam os cabellos que lhe cahiam sobre as fontes. Mas elle olhando para ella, penetrando o pensamento de Seraphina, via essa alma balouçada como um debil caule á mais leve brisa. Como Dante ao ver Beatriz sentia o seu sangue passar ardente nas veias, uma *vida nova* que ella lhe despertava e olhando para o artista, fazia-lhe nascer um bem estar até alli desconhecido para elle.

Anna Le Cozan cantou em seguida *lieders* de Schumann: *Ton regard, douce flamme, chanson du matin, chant d'amour, le monde est moqueur, Nuit de printemps*. Estas melodias eram escolhidas ao acaso? ou involuntariamente guiada por um instincto mais prompto que o pensamento? Parecia que a mão de Anna parava n'aquellas que traduziam maior laço de paixão. E assim a sua voz cheia de dôçura cantava:

*Ma première pensée est toute à mon ami,
Sans lui je ne voudrais pas vivre.*

Sublime subterfugio da arte que permite de enganar os outros e que na paixão idealizada nos dá esse privilegio de proclamar o sentimento cujo silencio nos oprime!

Esta mulher a quem o pudor, a religião e a raça lhe prohibia uma palavra de declaração, tinha na musica um meio de cantar que ella gostava, de chorar altamente o seu soffrimento, de dizer a toda a natureza a sua esperança, a sua felicidade!

— Sr.^a Cozan, disse-lhe Fombreuse, Schumann deveria ouvir-vos. Cantou deliciosamente.

— Minha querida amiga, accrescentou a sr.^a Carbranches, o que me disse meu marido, sahindo de Trocadero, é cada dia mais verdadeiro.

(Continúa).

Julgamento e absolvição do Rev.^{mo} Bispo do Porto D. Antonio Barroso

O julgamento do venerando e benemerito patriota D. Antonio Barroso, Bispo do Porto, foi um dos acontecimentos da ultima semana que interessou o publico, especialmente, na capital do Norte, onde sua ex.^a tem grandes simpatias, como de resto em todo o país, que reconhece os relevantes serviços do antigo missionario dos nossos dominios africanos a par das suas virtudes e inteireza de caracter.

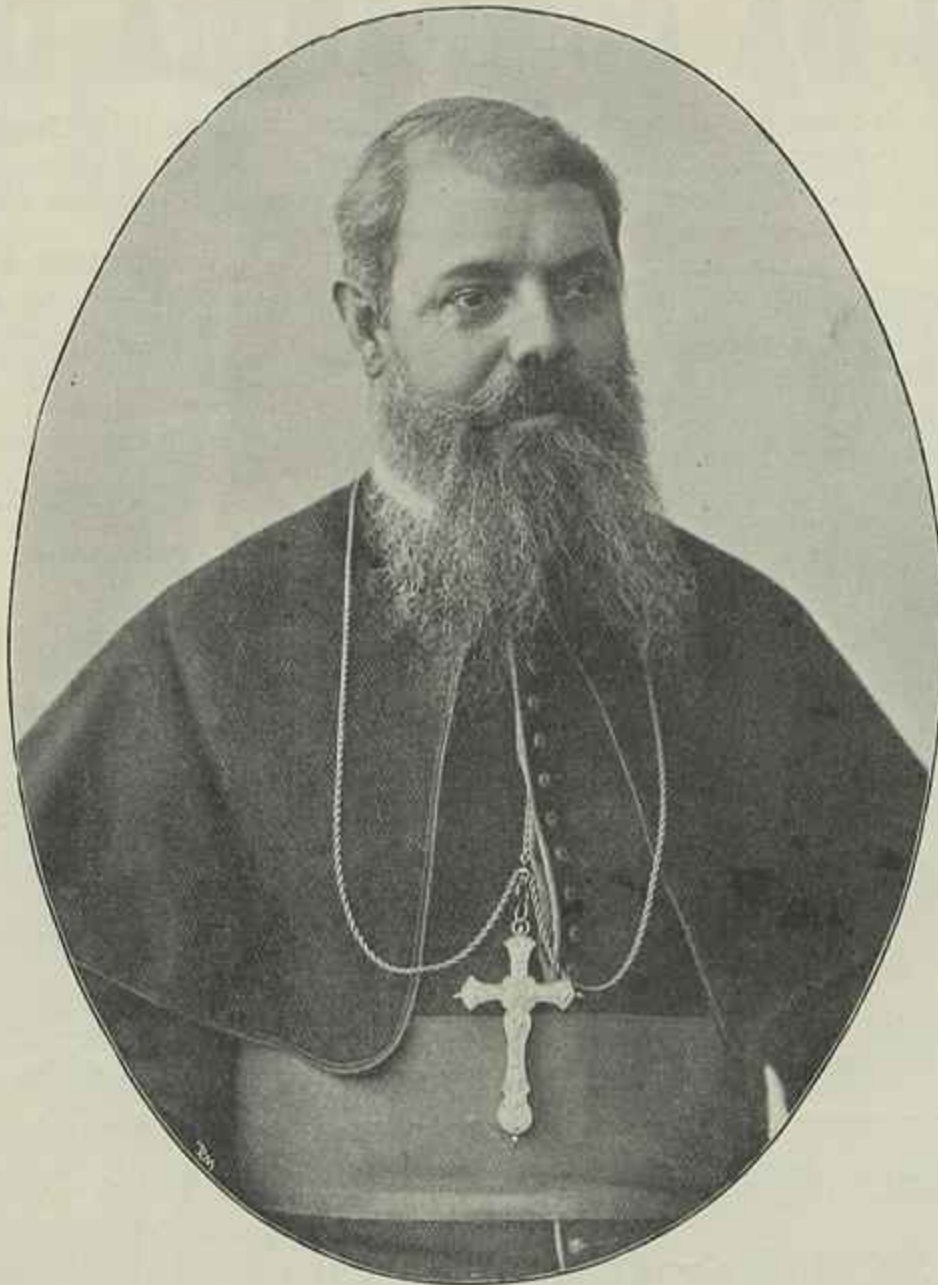
O rev.^{mo} D. Antonio Barroso fôra acusado pelo ministerio publico de ter infringido a ordem que o privava, por dois anos, de residir na sua diocese, tendo no dia 24 de março proximo passado, ido á freguezia de Custoias, concelho de Matosinhos, assistir, na capela particular do sr. José Joaquim Pestana da Silva, ao batisado de um neto deste senhor, encarregado por Sua Santidade Pio X, de o representar naquella cerimonia como padrinho do neofito.

Na audiencia, que foi extraordinariamente concorrida, quando o reverendo prelado entrou na sala do tribunal, toda a assistencia se levantou e as senhoras romperam em ovações e palmas, sendo então advertido pelo sr. dr. Pinheiro Torres, delegado do procurador da Republica, de que não eram ali permitidas quaesquer manifestações sob pena do sr. juiz mandar evacuar a sala.

Restabelecido o silencio proseguiu a audiencia na melhor ordem, e o advogado de defeza, sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, apresentou a contestação clara da accusação, provando-se por fim com o depoimento das testemunhas, que não havia crime, nem da parte do acusado intenção de menos respeito da lei ou espirito de desobediencia.

O delegado do ministerio publico limitou se apenas, por dever de officio, a pedir o cumprimento da lei, seguindo o advogado de defeza, que produziu um discurso eloquente, lembrando os serviços prestados pelo sr. D. Antonio Barroso como missionario e patriota, demonstrando logicamente que o acusado era incapaz de transgredir a lei, lamentando que semelhante falta lhe fôsse atribuida.

O juiz, sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, formulados os devidos considerandos, lavrou a sentença absolutoria, que foi recebida com geral agrado, sendo o rev.^{mo} Bispo entusiasticamente ovacionado á sahida do tribunal.



D. ANTONIO BARROSO, BISPO DO PORTO

Tendo nascido em Ponta Delgada e doutorado na Universidade de Coimbra, em 1875, foi logo nomeado para Cabo



DR. LUIS FISHER BERQUÓ POÇAS FALCÃO

Verde, onde serviu como delegado assim como em Lisboa, passando depois a juiz da Relação da India. São importantes os serviços que prestou no Estado

da India, não só como presidente da Relação, mas ainda como membro e, por vezes presidente, do conselho governativo.

Durante sua estada na India, foi presidente da comissão mixta de altos funcionarios ingleses e portugueses, para fixar as indemnisações a dar aos proprietarios de salinas no territorio português, quando se deu por findo o tratado que sobre isto havia com o governo da India Inglesa.

As condições em que o dr. Poças Falcão foi nomeado pelo ministro da marinha, Antonio Ennes, para a India, eram excepcionaes, pois naquele Estado encontrava-se a magistratura em serios conflitos por desinteligencias politicas e pessoas, deprimentes, que desprestigiavam completamente a autoridade judicial. O sr. dr. Poças Falcão, porém, desempenhou-se satisfatoriamente da sua difficil missão, pois não só restabeleceu o prestigio da magistratura, que tão abalado foi encontrar, como conquistou rapidamente a simpatia geral, até a daqueles que ao principio lhe tinham sido hostis.

São isto factos que provam bem a excellencia de character do illustre extinto cuja rétidão e amôr da justiça foi norma da sua vida.

Terminando sua estação na India, veio para a Relação de Ponta Delgada, terra da sua naturalidade, e ahi foi eleito deputado pelo partido progressista, na legislatura de 1886 a 1889. Voltou á camara, em 1899 a 1905, sendo, nesta legislatura, eleito presidente da mesma e nomeado conselheiro, elevado depois a par do reino.

Tinha, então, passado já para a Relação de Lisboa e, por fim, em 5 de fevereiro de 1909, para o Supremo Tribunal de Justiça, onde a morte o veio agora surpreender, no alto cargo de presidente deste tribunal.

NECROLOGIA

Dr. Luis Fisher Berquó Poças Falcão

Na sua residencia, em Lisboa, na Avenida das Côrtes, faleceu no dia 16 de maio o juiz presidente do Supremo Tribunal de Justiça, sr. dr. Luis Fisher Berquó Poças Falcão, distintissimo membro do fóro português, com longa carreira de magistrado no ultramar e no continente, onde chegou ao mais elevado cargo da magistratura.

ERRATA

No artigo: *A Conferencia sobre o teatro Nacional e a Convenção Literaria de Berlim pelo sr. dr. Augusto de Castro*, publicado no n.º 1239, escaparam alguns erros da composição, entre elles á pag. 154 1.º col.º linha 57 onde se lê Emilie Duro, deve-se lêr-se, Emilie Doux; na mesma pag. 2.º col.º linha 54 onde se lê dramas phantasmaçadas, de lêr-se dramas pantasmaçados.

CARNES DA COMPANHIA INGLEZA

Todas as boas donas de casa devem dar preferencia ás magnificas carnes da **Companhia Inglesa**, superior a todas as outras do mercado, sendo o gado apartado com todo o esmero e engorda feita expressamente em colonias espezias. — A fiscalisação do abatimento das rezes e conservaço das carnes é feita nas mesmas condições em que o são as carnes consumidas em toda a Inglaterra.

NÃO CONFUNDIR



NÃO CONFUNDIR

A CARNE ARGENTINA d'esta COMPANHIA superior a qualquer outra, é vendida ao publico mais barata do que qualquer outra pelos seguintes preços:

Prego do peito	} Kg. 180 réis
Abas	
Cachaço	
Chã-bã	
Peito alto	} 260 "
Pá	
Assem	
Chã de fóra	} 300 "
Rabadilha	
Ganço	
Vasio	
Roas-beaf Alcatra	

Delicadesa do pessoal

Boa qualidade da carne

Exatidão no peso

As carnes da Argentina d'esta Companhia, impõe-se pela sua qualidade extra e **SÓ** se vendem nos talhos pintados a **BRANCO E VERMELHO** com o emblema registado e representado n'este annuncio.

Loja Sol

V.ª SILVA SOUZA & C.ª

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

Canalisações

PARA

água, gaz
e esgotos

INSTALAÇÕES
ELECTRICAS

FOGÕES
a gaz e a petroleo

ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL



TUBOS
de chumbo e de borracha

LOUÇA
de ferro esmaltado

RETRETES, TINAS
E LAVATORIOS

Esquentadores
a gaz
e a gazolina

Variado sortimento
de
candieiros de gaz
e suspensões

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromopyia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA
A TOSSE

ALOPPE PRITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias